

Acuri

Cláudio Nascimento

EDITORA PENALUX

Guaratinguetá, 2021

I.

Há tempos, Tia Romana anunciava a remota existência de um cemitério indígena à margem de uma estrada que dava para o sentido oeste do sítio, do outro lado do Riacho Acuri. Um cemitério cujos vestígios o tempo fez desaparecer, restando apenas a lembrança na cabeça dos chamados troncos velhos, que receberam de seus antepassados, pela seiva fluida da herança, lendas de almas que não conseguiam atingir outra dimensão e, por isso, ainda continuavam por ali, em locais consagrados pelo tempo, adormecidas no esquecimento dos viventes. A referência era a primeira volta do Riacho Acuri depois de uma planície densa e fecunda, conhecida como inferno de posses. Sua localização só poderia ser identificada por Tia Romana, cuja experiência de uma vida toda tinha sido moldada pelo lugar, com seus mitos e seus costumes. Por isso, sentia-se no dever de alertar as gerações posteriores de que ali, exatamente onde a estrada faz a segunda curva depois do Riacho Acuri, não se podia passar em noite de quaresma, especialmente se fosse meia-noite de uma Sexta-Feira Santa.

Era uma época em que o contato com a cidade se fazia, pelo menos, ao cabo de dois meses, para as compras daquilo que os camponeses não conseguiam produzir sozinhos, como remédios, sal e outros provimentos que surgem súbitos no desembaraçar das vidas que, embora simples, impõem

necessidades inesperadas. Um tempo em que a mitologia do campo contribuía para um emaranhado de verdades que compunha, sólido, o grande compêndio da sabedoria que explica o universo campesino. Neste cabedal de conceitos e contra conceitos, a realidade era explicada com a firmeza de uma doutrina e com a sutileza de um encanto. Um conjunto de juízos confiáveis, próprios dos que se entregam à natureza da natureza para com ela se acoplar de modo harmônico ao cenário em que o canto dos pássaros, o sentido dos ventos, o rubro tom do entardecer, o movimento das formigas, o precipitar das folhas, o nível dos rios, a oscilação da lua, o feitio das nuvens, o cheiro das alvoradas, o estalo das sementes, o aperto dos frutos, o fulgor dos relâmpagos, o vagar da poeira, o esfuzio do trovão, a dormência da planta, a agudeza do lobo, o rastejo da serpente, a invasão dos insetos e o perfume dos arbustos representavam sinais inequívocos de uma mitologia absorvente, alicerçada no poder de fascínio que as gerações mais velhas exercem sobre as mais novas e na força do convencimento que pessoas como Tia Romana detinham sabe-se lá como.

Os calendários eram recortados por dias santos. A sacralidade de um dia santo era tal que possuía, na concretude do sentimento dos homens e das mulheres daquele rincão, uma formatação diferente: era silencioso e nostálgico. Era como um momento para a existência humana reconhecer sua posição no universo dos medos. Quando ousaram, uma única vez, desrespeitar esse preceito, uma desgraça adveio certa. Podiam-se lembrar claramente da ocasião em que Tia Romana e seu marido resolveram trabalhar em um dia sagrado. O melado da cana-de-açúcar, de teor altamente inflamável, no afã de solidificar-se, provocou um incêndio que

fez sobrar, como produto daquele dia de trabalho no engenho, um nevoeiro de cinzas e a suspensão de frustrações e desamparo naquela atmosfera de pavor e arrependimento. Aquilo se convertera em um sinal para que as criaturas ali conscientes reconhecessem o lugar do sagrado e do profano em suas vidas, uma pedagogia de rito sumário, uma lição, tão dura que no núcleo deste aprendizado se encontrava o desejo de morte, sucumbindo à consciência no fogo ardente da dúvida e do desespero de quem busca explicações para os raros momentos em que a razão parece desatrelar-se da vida.

Por aquelas redondezas, não havia quem ousasse duvidar dos proclames de Tia Romana, principalmente sobre aquele cemitério no qual uma alma guardiã cumpria seu dever de vigiar o local onde as carcaças de outros caboclos reafirmavam a vil condição humana neste mundo. Imersas em um ceticismo pudoroso, as audiências daquelas tardes silenciadas pela fadiga dos dias em que a labuta se impunha mais impiedosa abriam seus corações e mentes para uma viagem estimulada pelas fantasias de outros mundos.

Logo acima daquele, outro cemitério acolhia o que sobrava das experiências vivenciais de criaturas humanas que fizeram a história do lugar. Só que este não era um cemitério lendário, de caboclos. Suas ruínas mostravam-se ainda imponentes. Localizado ao pé de uma montanha conhecida como Monte Lírio, esse, sim, era um lugar assustador, referência para acender uma vela à alma de Manoel Pontes, uma vida que ajudou a construir a história do Vale do Acuri. Sua morte, objeto de inúmeras controvérsias, era a faísca que acendia o fogo das inquietudes dos que já nasciam predispostos a arder de dúvidas em um mundo de certezas. Seu corpo fora encontrado já comprometido à beira do Córrego

Bacabal, onde ainda hoje um cruzeiro marca solitário o lugar para os milhares que por ali passam e nem imaginam que, sob a sombra daqueles pedaços de aroeira, amarrados um ao outro para constituírem um cruzeiro nada majestoso, um homem de feições brandas e fala macia atravessou o portal para o além.

Chovia torrencialmente quando Tia Romana, vitimada pelo desabrochar de sua própria mocidade, teve o primeiro contato com Seu Manoel Pontes. Nas chuvas de inverno, a água batia suave sobre as folhas escuras das árvores suntuosas naqueles quintais fartos e abundantes da comunidade do Vale da Acuri e harmonizava-se com o semblante dócil e levemente reservado de Manoel Pontes, que combinava suas histórias apoteóticas de conquistas, com recomendações no campo espiritual. Por diversas vezes, Tia Romana agachava-se para ouvir aquele lendário, que no intervalo das baforadas de cigarro de palha de milho, acautelava-a quanto às diversas ameaças que envolviam a todos naquela planície sitiada pelo império da sobrevivência. Cria claramente que o mal rondava a comunidade do Vale do Acuri e que o tempo de reconciliação havia chegado, impondo a todos a regeneração de suas almas perfuradas de pecado como único caminho para a salvação eterna. Aquelas conversas tocavam lentamente a consciência juvenil de Tia Romana, que, não raras vezes, se perdia por entre histórias de espíritos maus que tomavam conta de corpos fracos e incrédulos. Eram verdades que se decantavam no tempo inapagável de sua memória permanente, definidora das incontingências que faziam a mais pura essência do seu ser. Pouco a pouco, o contato com Manoel Pontes contribuía para confirmar sua certeza remota e latente acerca da necessidade de redobrar a atenção às

coisas do mundo das almas e fortalecer a preocupação com a saúde espiritual de todos que ali estavam.

Seu Manoel Pontes possuía uma trajetória marcada por muita luta e sofrimento. O passado daquele lugar não se igualava à aparente tranquilidade que seus então contemporâneos gozavam. Os viventes de outras épocas faziam o que podiam para escapar das mais diferentes mazelas. Foi nesse turbilhão de ameaças e lutas por posses de terras que seu Manoel Pontes se instalara naquela planície aprazível para criar seus 12 filhos e dedicar toda a sua vida a proteger aquele território recém-ocupado. Havia suspeitas de que, logo abaixo do solo fértil do Vale do Acuri, o ouro se revelava em pepitas arredondadas e de resplandecência inequívoca. Com a velocidade das certezas infladas por desejos vis, os boatos sobre a existência de fragmentos rotundos de ouro corriam fáceis por indistintas bandas. Esses boatos inflavam a ambição de alguns mercenários que, impedidos por Seu Manoel Pontes de instalar um garimpo para a extração do mais precioso metal, insistiam em pressioná-lo a deixar aquelas terras e, com isso, destravar a marcha certa rumo ao progresso a que todas as comunidades vocacionadas para a opressão humana estavam fadadas.

Ainda que as vicissitudes de sua mocidade perturbassem seu interior, era com as histórias de Seu Manuel Pontes que Tia Romana incutia novo ânimo à vida. Depois de debruçar-se sobre as narrativas daquelas agregações devotas, Tia Romana retornava ao fadário do dia, e, apesar das abnegações decorrentes das lidas domésticas, seu pensamento permanecia voltado àqueles ensinamentos metafísicos.

Tia Romana não escondia o fascínio que tinha por aquele homem. Suas histórias a extasiavam tornando-a ainda mais

mística e sensível às coisas deste e do outro mundo. Quando se encontraram por ocasião da Folia de Santos Reis, na casa de certo compadre devoto e piedoso pagador de promessa, relatou à Tia Romana e aos demais ouvintes a ocasião em que se vira obrigado a adquirir um rifle automático, de cano duplo, com o qual percorria as distâncias fronteiriças daquela imensidão e com o qual também garantiu o respeito necessário à permanência de todos que desejavam fazer parte de uma comunidade de homens e mulheres devotos. Manso e paciente, Seu Manoel Pontes provocava um silêncio magistral entre aqueles que o rodeavam atentos a ouvir suas histórias. O rifle que levava nos ombros quando campeava o gado na vastidão de nativas pastagens fora apontado para incontáveis afanadores oportunistas que vagavam sertão adentro à espreita das fragilidades dos rudes e indefesos, na ânsia de assenhorearem-se do bem mais precioso que por ali existia.

Quando Seu Manoel Pontes chegou àquelas terras, no ardor de sua mocidade, já era sabido por todos que tal região estava aberta a acolher qualquer um que, imbuído de um espírito aventureiro, resolvesse se instalar para tomar posse de qualquer pedaço de chão, para nele erguer o mais importante patrimônio que a fé e a honra de um homem são capazes de gerar: sua família. A despeito do isolamento e das distâncias que separavam aquelas terras do resto da civilização, uma sensação prevalecia intrépida entre todos que ali se apoderavam das terras: o doce e abençoado frescor da terna paz que brotava das florestas verde-escuras.

Mas essa paz que se assenhoreava do espírito não duraria para sempre. Como um raio que cai, inexorável, nas tempestades de inverno, incidentes desagradáveis passaram a atemorizar os habitantes do vale. A passagem daqueles

mercenários abelhudos que sondavam os posseiros, à espreita, como uma jaguatirica faminta, atenta e à espera de um gesto de fragilidade da presa, que seria devorada por causa de seu cochilo irredimível e letal, haveria de se tornar uma desgraça a afligir o pensamento de todos, especialmente dos troncos velhos. Seu Manoel Pontes sabia que não se podia cochilar, por isso não abria mão do rifle e das munições, numa ronda diurna e indesertável. Convencido de que a realidade impunha austera a necessidade de fazer algo que acompanhasse a natural e impassível mudança na ordem das coisas, pressentida como o advento de um novo momento na história daquele lugar, decidiu instalar cerca de arame farpado para marcar aquilo que considerava os limites de sua posse. Caprichosamente erguida como a anunciação material do desejo de propriedade que brota da parte mais sombria da natureza humana, poucos dias depois fora derruída, num gesto de provocação desdenhadora, uma covardia sórdida e intolerável. Ao saber do feito, uma angústia invasiva tomou-lhe por inteiro. Daquele episódio afloraram indagações perturbadoras na consciência de um homem que carregava nos ombros horizontes de felicidades construídos sob duras lidas. Mesmo resignado em sua condição campesina, conformado com a fatalidade da inexistência de escolhas, a vida lhe pregava aquela peça, aquela rasteira covarde, cuja dor doía forte na solidão do orgulho de quem não poderia manifestar fragilidade naquele mundo pesado que trazia sobre os ombros. A iminente possibilidade de perder o solo onde decidira fincar raízes arrepiava sua espinha. Não havia um só instante em que aquela fatalidade não lhe corroesse ardente. Algo definitivo havia de ser feito, não obstante o tempo lento de sua consciência perturbada produzisse a constatação de

EDITORIA
www.editorapenalux.com.br
penaluxeditora@gmail.com

AUTOR
cnns77@gmail.com

• *Livros iluminam* •

Este livro foi composto em Sabon LT Std
pela Editora Penalux e impresso em papel
pólen soft 80 g/m², em setembro de 2021.
